



IBAC

Instituto Brasiliense de Análise do
Comportamento
Formação em Terapia Analítico-
Comportamental Infantil

**Estratégias de Prevenção ao Bullying na Perspectiva da
Análise do Comportamento**

Raquel Gomes Pinto Manzini

Brasília – DF
Outubro, 2018.



IBAC

Instituto Brasileiro de Análise do Comportamento
Formação em Terapia Analítico-Comportamental Infantil

Estratégias de Prevenção ao Bullying na Perspectiva da Análise do Comportamento

Raquel Gomes Pinto Manzini

Monografia apresentada ao Instituto Brasileiro de Análise do Comportamento como requisito parcial para a conclusão do curso de Formação em Terapia Analítico-Comportamental Infantil.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Rita Coutinho X. Naves.

Brasília – DF
Outubro, 2018

Sumário

Resumo.....	iv
Introdução.....	1
Contextualizando o bullying: estudo de caso fictício.....	8
<i>O bullying na escola Cantinho Amarelo.....</i>	<i>9</i>
<i>Estratégias para resolução do bullying na perspectiva da análise do comportamento</i>	<i>11</i>
<i>Estratégia 1: Dança das Carteiras.....</i>	<i>11</i>
<i>Estratégia 2: Somos Todos um Só.....</i>	<i>12</i>
<i>Estratégia 3: Apelido Sem Cola.....</i>	<i>13</i>
<i>Estratégia 4: Intervalo Mágico.....</i>	<i>14</i>
<i>Estratégia 5: Eu e Você: Espelho.....</i>	<i>14</i>
<i>Estratégia 6: Ganhamos Juntos.....</i>	<i>15</i>
Por que não usar a punição para banir o bullying das escolas?.....	15
Conclusão.....	17
Referências Bibliográficas.....	18

Resumo

O bullying é um fenômeno amplamente divulgado na mídia como um problema a ser prevenido e banido do contexto escolar. A análise do bullying amplamente divulgada é a de que existem três categorias de alunos (vítimas, agressores e observadores) sendo o responsável pela violência na escola única e exclusivamente o aluno agressor. Este trabalho questiona a classificação dos alunos, assim como as estratégias mais comuns de prevenção e resolução de casos de bullying, que foram identificadas como superficiais e ineficazes. A proposta deste trabalho está em interpretar o bullying sob a perspectiva da análise do comportamento, buscando realizar uma análise funcional das relações escolares, pois comportamentos de bullying acontecem porque são de alguma forma reforçados no ambiente escolar. Como estratégias de intervenção, são sugeridas cinco práticas aplicáveis e embasadas teoricamente na ciência da Análise do Comportamento.

Palavras-chave: Análise do Comportamento; Bullying; Estratégias de Intervenção Escolar

O bullying é, atualmente, tema central em debates relacionado ao contexto escolar em programas de televisão, revistas, jornais, assim como nas escolas, famílias e nos consultórios de Psicologia. O interesse no tema é crescente devido a quantidade de casos de bullying divulgados na mídia, assim como pela maior preocupação das escolas e das famílias com o bem-estar dos alunos. Segundo a Pesquisa de Saúde do Escolar – PENSE (IBGE, 2016), dos quase 113 mil questionários respondidos e analisados em 2015 por alunos de 13 a 17 anos, 7,4% dos alunos relataram terem sofrido bullying e 19,8% dos entrevistados disseram ter comportamentos de bullying (os alunos participantes da pesquisa descreveram bullying como zoar, esculachar, zombar ou mangar do colega). As estatísticas apontam, assim, que um em cada 10 alunos relatou ter sofrido bullying e dois, em cada 10, relataram provocar o colega (IBGE, 2016). Os números demonstram a importância de serem desenvolvidas estratégias eficazes na prevenção e resolução de casos de bullying nas escolas.

Em consultório de psicologia, o relato de situações de bullying é crescente, assim como o pedido dos pais para o terapeuta avaliar se ele sofre, sofreu ou tem o potencial de ser vítima de bullying. Há pais que buscam ajuda para os filhos agredidos na escola ou estigmatizados por apelidos e, ainda, famílias preocupadas com o crescente isolamento dos filhos e insatisfação com a escola. Nas escolas, o terapeuta frequentemente encontra intervenções de eficácia controversa contra o bullying, as quais podem ser citadas: palestra e ameaças na turma onde há bullying realizada por professores ou outra autoridade escolar (uso de punição generalizada); metáforas distantes da realidade dos alunos (a escola incentiva o cultivo de um jardim, por exemplo, porque, como as distintas flores, alunos diferentes precisam aprender a conviverem juntos) e punições não contingentes ao comportamento do bullying (o aluno promove o bullying e é proibido de

ir para o intervalo, por exemplo, mas encontra a vítima em sala, onde o bullying acontece e nada é feito de imediato).

Segundo Manzini e Branco (2017), o bullying reúne comportamentos de agressão de um aluno (ou grupo de alunos) contra outro aluno (ou grupo) de forma intencional e repetitiva. O bullying pode ser físico (e.g., bater, chutar, empurrar); verbal (e.g., apelidar, xingar, humilhar, ameaçar, coagir); moral ou social (e.g., excluir socialmente o(s) colega(s)); sexual (e.g., assediar, abusar sexualmente, violentar); e virtual (e.g., o cyberbullying: uso da internet para prática de bullying). As ações de bullying podem ser diretas, nas quais os ataques e provocação são com a vítima (ou vítimas) ou indiretas, quando ocorrem atos velados sem a presença da vítima (e.g., difamar o colega ausente, esconder seus pertences quando sai da sala)¹.

Vários autores classificam os participantes do bullying em três categorias e definem o perfil de cada uma delas em: vítimas, agressores e observadores (Fante, 2005; Harris & Petrie, 2006; Olweus, 1993; Silva, 2010; Teixeira, 2011). Essa classificação define, em resumo, as vítimas como frágeis e pouco atraentes fisicamente ao grupo; as agressoras como provenientes de famílias desestruturadas (ou portadoras de uma personalidade violenta); e as observadoras como neutras. Manzini (2013) e Manzini e Branco (2017), porém, destacam que a classificação tradicional dos atores do bullying é equivocada, pois a depender do contexto da turma na qual as crianças convivem, um aluno pode ser vítima e, em outro, ser agressor. Por exemplo, dados da pesquisa de Manzini (2013) demonstraram que uma aluna citada como exemplar por uma professora foi definida pelos colegas entrevistados como agressora, pois ela zombava dos colegas com dificuldades no processo de aprendizagem. Além disso, Manzini (2013) destaca o viés de se conceber o bullying como inevitável e inerente ao contexto escolar, sendo os alunos

¹ Para uma discussão pormenorizada do tema, ver Manzini e Branco (2017).

agressores os únicos responsáveis pelo fenômeno. Na verdade, qualquer aluno pode ser vítima, agressor ou observador, a depender das relações do grupo escolar, assim como o observador não é neutro, ele contribui de forma ativa para a manutenção dos comportamentos de bullying, pois ele reforça positivamente o agressor dando-lhe atenção (risadas, imitação, repete os apelidos).

Em termos analítico-comportamentais, classificar os alunos de forma categórica (vítimas, agressores e observadores) retira o caráter interacional do comportamento de bullying e o avalia de forma simplista, como se o único responsável pela sua ocorrência e manutenção fosse o aluno agressor e sua família. Na verdade, o bullying implica relações sociais complexas e torna indispensável a análise funcional da violência (como e porque ocorre e o que a mantém – as consequências). O comportamento do aluno agressor pode ter como consequência chamar a atenção dos colegas e professores, os quais dão risadas das provocações, por exemplo e, ainda, conquista para si o poder sobre a vítima, que cede seu lugar. Já o comportamento do aluno vítima, diante do bullying, pode estar sendo mantido porque, na escola, observou que a professora pune os alunos que pedem ajuda (“Ah, resolva-se sozinho!”) ou o apelido se torna mais cruel após a sua tentativa de defesa, por exemplo. E o comportamento do aluno observador de não defender a vítima pode ser mantido por esquiva de uma possível agressão voltada para si perpetrada pelo aluno agressor.

O bullying promove consequências devastadoras para os alunos envolvidos. Primeiramente, há a vivência do ambiente escolar como um local hostil às diferenças e voltado para a discriminação dos alunos. Assim, ir para a escola se torna aversivo para os alunos, pois ou são ou serão alvos de violência e chacota por parte de outros alunos. Como consequência, há aumento do número de faltas escolares, diminuição do desempenho escolar e confiança diminuída na relação entre as famílias e escola, afinal, observam

ausência de estratégias de defesa pelos alunos vítimas de bullying. Se o bullying existe, está implícito nas relações escolares que ele é aceito pelos professores, ou seja, comportar-se de forma agressiva é socialmente vantajoso e há vítimas que buscam a violência para interromper o processo do bullying. Foram noticiados diversos casos de alunos vítimas de bullying que provocam atos extremos de violência (atiram em vários alunos) ou cometem suicídio, tanto no Brasil quanto no exterior, facilmente encontrados na internet por meio do Google (e.g., os massacres em Goiânia, Goiás, em 2017; em Realengo, no Rio de Janeiro, em 2011; em Columbine, Estados Unidos, em 1999).

Segundo Skinner (1953/2003), “o comportamento vem se conformar com os padrões de uma dada comunidade quando certas respostas são reforçadas e outras deixadas passar sem reforço ou punidas” (p. 451). O contexto escolar, portanto, deve ter suas atividades planejadas de modo a prever quais consequências serão apresentadas aos comportamentos previamente definidos como adequados ou inadequados. Comportamentos voltados à empatia, à solidariedade e à cooperação são favoráveis ao desenvolvimento de um contexto social com práticas educativas pacíficas e construtivas e, dessa maneira, incompatíveis com manifestações de bullying. Mas, o que fazer, para prevenir e resolver situações escolares nas quais o bullying está presente? O paradigma da análise do comportamento pode responder esta questão

A análise do comportamento destaca a importância do contexto e, por meio da análise funcional do comportamento alvo (bullying), identifica causas e consequências que mantêm o comportamento. A análise funcional é, nesse sentido, vantajosa e eficiente para propor estratégias de prevenção e intervenção em situações de bullying de modo a tornar a escola um ambiente agradável para todos os alunos. Na análise funcional, a unidade básica de estudo da relação entre eventos comportamentais e ambientais é a tríplice contingência: “(...) representação esquemática da forma como o ambiente e

comportamento exercem influência um sobre o outro” (Neto *et al.*, 2012, p. 67.) No caso, o primeiro dos três elementos é o estímulo discriminativo, ou seja, a situação antecedente ao comportamento, a qual sinaliza que caso o comportamento ocorra, ele será reforçado. No caso do bullying, podemos dizer que a presença dos amigos do agressor e a entrada do aluno alvo na sala de aula compõe o estímulo discriminativo para o aluno agressor sussurrar um apelido, pois, na sua história escolar, emitir apelidos faz seus amigos rirem e ele se tornar popular na turma.

O segundo elemento da tríplice contingência é o próprio comportamento em análise, o bullying. Como é definido como um conjunto de comportamentos agressivos que se repetem ao longo do tempo, analisá-lo entre a situação antecedente e as suas consequências é valioso para as intervenções na clínica e no contexto escolar. No caso, o que mantém o bullying são estímulos reforçadores (risadas dos expectadores, satisfação de ser popular – engraçado ou valentão, tomar o pertence das vítimas para si, liderar as brincadeiras, dentre outros). As consequências, ou terceiro elemento da contingência, enfatizam que o comportamento bullying se mantém pelas suas consequências sociais. No caso, o bullying existe como um comportamento operante de um agressor contra um aluno dentro de um contexto social, porque o aluno agressor conquista popularidade, pertences (quando rouba a vítima) e a liderança dentro do grupo.

Vale retomar não ser condizente com a análise do comportamento, portanto, analisar a origem e a manutenção do comportamento bullying como resultado da criança estar inserida em uma família desestruturada, como se a escola não tivesse o seu papel. Ou, ainda, isolar o bullying como sintoma de alunos portadores de psicopatologias ou transtornos de conduta, sem relação alguma com o contexto onde ocorre. Da mesma maneira, classificar as vítimas de acordo com sua aparência física ou dificuldades físicas e intelectuais, como se só esses elementos mantivessem o bullying, ou ignorar o papel

das crianças observadoras, empobrece o poder das relações sociais no fenômeno bullying e o papel da escola (e dos alunos) em prevenir e resolver situações de violência.

O terapeuta analista do comportamento, pode atuar no contexto clínico, por meio da terapia analítico comportamental infantil junto a alunos vítimas de bullying, fortalecendo comportamentos assertivos, como denunciar as agressões aos professores e impor limites aos agressores. O terapeuta, por meio de análises funcionais, pode identificar com o cliente os ganhos e as perdas de ser vítima de bullying, como ser protegido pelos pais e professores (ganho) e ser excluído no intervalo (perda).

Com os alunos agressores, o terapeuta pode identificar os comportamentos socialmente favoráveis como a cooperação e a empatia, reforçando-os quando aparecerem na terapia, ajudando as crianças a generalizá-los na escola. Além disso, o terapeuta pode estabelecer com o cliente repertórios adequados quando o agressor sente raiva ou frustração e maneiras não violentas de obter popularidade na escola. Com os alunos observadores, o terapeuta pode, por meio de análises funcionais, identificar com eles como o bullying aparece e como se mantém, incluindo o reforçamento social dos comportamentos de bullying por meio de risadas e imitação de apelidos e agressões.

É importante destacar que a atuação clínica individual é, sem dúvida, recomendada a crianças e adolescentes em situações de bullying, mas é limitada, pois o atendimento em consultório nem sempre promove mudanças comportamentais generalizadas na escola e é importante que elas o sejam. Por exemplo, ajudar um aluno agressor a chamar a atenção sem humilhar ninguém pode ocorrer no consultório por meio de exemplos e ensaios comportamentais, mas na escola, diante do grupo de amigos que o conhecem como valentão, fazer bullying com um colega pode ser muito mais reforçador que não fazê-lo.

Assim, a atuação do terapeuta analista do comportamento na escola envolve a comunidade escolar de modo completo, para que comportamentos de bullying sejam extintos e novos repertórios em prol da convivência pacífica na escola sejam construídos. O bullying tem maior possibilidade de ser prevenido e combatido se o terapeuta for à escola e propor intervenções no contexto onde ele ocorre.

O presente trabalho, porém, enfatiza a atuação do terapeuta analista do comportamento no contexto escolar, promovendo uma atuação em grupo, com a participação da equipe docente e dos alunos. Retomamos que o primeiro passo de qualquer intervenção escolar é a análise das funções do comportamento observado, no caso, o bullying. Segundo Flores (2017), quando a escola pretende resolver um problema sem analisá-lo, as intervenções implementadas são inócuas ou prejudiciais. A autora destaca, ainda, “o caráter promissor de intervenções contextualizadas, planejadas, implementadas e avaliadas juntamente com os participantes” (p. 123).

Segundo Moreira *et al.* (2013), a cultura se refere a “contingências de reforçamento social que mantêm o comportamento dos membros de um determinado grupo social, cuja existência vai além do período de vida dos membros do grupo” (p. 16). Os autores enfatizam que na perspectiva analítico-comportamental, o foco não está em descrever e comparar culturas, mas em “identificar as variáveis responsáveis pelo surgimento, manutenção, mudança, e extinção (desaparecimento) de certos aspectos da cultura” (p.16). Contextualizando esta análise no tema do bullying, uma intervenção eficiente na perspectiva da análise do comportamento não se limita a descrever o bullying, mas em identificar na cultura escolar o que promove e mantêm o bullying, assim como as variáveis com o potencial de mudar a relação entre os alunos de modo a extinguir comportamentos de exclusão e violência interpessoal.

Contextualizando o bullying: estudo de caso fictício

A seguir, será apresentado um caso fictício de bullying e tecidas sugestões de intervenção prática, que podem ajudar outras escolas com vivências similares. A apresentação de um caso fictício de bullying tem como objetivo ilustrar como a análise funcional do bullying é realizada pelo paradigma da análise do comportamento e, ainda, ajuda a tecer as intervenções propostas de forma didática. Esse modelo de apresentação (caso hipotético seguido de intervenções) inclui três aspectos notáveis. O primeiro deles é que os leitores devem, inevitavelmente, antes de aplicar qualquer proposta de intervenção, analisar o próprio contexto escolar e pensar como o bullying acontece e como já foi trabalhado na escola. Em alguns contextos, determinadas intervenções podem ter mais efeitos que em outros, devido a variabilidade dos alunos, a história de interação dos atores envolvidos na escola e engajamento das equipes discente e docente. Por exemplo, uma escola com uma direção rígida e punitiva com seus professores, provavelmente não conseguirá adaptar estratégias em prol do diálogo entre alunos e professores. Talvez, no caso, o caminho mais lógico seja primeiro modificar o padrão da direção e, por meio do diálogo iniciado entre os adultos, eles consigam se aproximar dos alunos por meio de conversas e serem modelos de interações não aversivas.

Outro aspecto relevante é que, na prática, os atores envolvidos no caso real (professores, alunos, famílias) podem trazer elementos novos, não explícitos na primeira análise funcional e serem necessárias novas intervenções. Por exemplo, os alunos pararem de praticar bullying em sala de aula, mas um pai denunciar bullying no transporte escolar. Será necessária intervenção envolvendo outras pessoas, como o motorista do transporte e previsão de situações fora do contexto da escola. É importante também incluir as famílias em intervenções contra o bullying para ocorrer a generalização dos

comportamentos treinados na escola, em casa (tanto na escola quanto em casa ser gentil é reforçador e ser agressivo não é).

Por último, este trabalho não pretende esgotar as propostas de intervenção possíveis, apenas apresentar sugestões de intervenções pontuais com base na análise do comportamento. Os atores do contexto escolar podem (e devem) se reunir para criar novas propostas de atuação tendo como ponto de partida os referenciais teóricos coerentes com a proposta da escola. Os alunos, porém, sempre devem ser ouvidos e incluídos nas intervenções propostas pela escola.

O bullying na escola Cantinho Amarelo

Na escola Cantinho Amarelo há alunos de 3 a 8 anos de idade. Com frequência, pais de alunos do primeiro ano (alunos entre 7 e 8 anos de idade) da turma C reclamam que os filhos chegam em casa chateados. A orientadora educacional investigou o motivo da chateação e identificou que as queixas das famílias são similares: os alunos reclamam que três meninos e duas meninas da turma C (Pedro, Henrique, Luis, Ana e Vitória) brincam de colocar apelidos de mau gosto nos colegas, esticam o pé para o colega tropeçar e, na hora do intervalo, acuam um menino ou uma menina para abaixar as suas calças. A situação vexatória faz as crianças que estão no intervalo observarem a situação e rirem. A professora Mariana percebeu que quem tem as calças abaixadas é o aluno ou a aluna que reclamou para ela de alguma forma dos apelidos, das quedas ou das brincadeiras de mau gosto do grupinho dos cinco agressores. As vítimas do grupinho também são alunos de outras turmas, inclusive as crianças menores. Um dia, Ana e Vitória foram pegas tomando brinquedos de meninas de 4 anos de idade e Pedro, Henrique e Luis determinando quem não iria jogar bola no campinho, expulsando aos gritos os meninos mais novos.

A orientadora educacional do Cantinho Amarelo tem tentado resolver o bullying em sala de aula repreendendo os cinco na frente dos demais alunos: “Pedro, Henrique, Luis, Ana e Vitória: a mãe da Sofia reclamou mais uma vez que vocês puxaram a saia dela. Quando vão parar com isso? Olha turma, quem se aproximar desse grupo também vai levar bronca e ficar sem recreio amanhã”. Os professores e a equipe de coordenação e orientação escolar estão preocupados: casos de bullying tem se manifestado nas outras turmas e muitas crianças se recusam a sair para o recreio. Os líderes do bullying parecem indiferentes ao castigo (um dia sem recreio) e às repreensões, demonstrando inclusive prazer em observar a orientadora furiosa. A diretora já foi ameaçada por uma mãe: ela disse ter uma relação de pais dispostos a colocar a escola na Justiça caso a escola não faça nada imediatamente contra os “Cinco Alunos do Mal”, como são chamados pelos pais dos alunos vítimas.

A partir da situação apresentada, é possível realizar uma análise funcional do comportamento de bullying presente na escola Cantinho Amarelo. Pedro, Henrique, Luis, Ana e Vitória são crianças de 8 anos de idade que praticam diversas formas de bullying: físico (puxam calças, fazem o colega cair); verbal (apelidos, gritos e ameaças), material (tomam brinquedos) e social (excluem os colegas menores). Os comportamentos se mantêm porque eles conseguem a atenção dos colegas observadores, que repetem os apelidos e riem das vítimas em situação vexatória, por exemplo. Além disso, o grupo dos cinco consegue monopolizar as brincadeiras e atividades escolares, afinal, os demais alunos evitam conflito direto com eles. O castigo da escola – suspender o recreio – parece repetitivo e sem efeito para o grupo, afinal, há outras atividades na hora do recreio (eles permanecem juntos em sala, rindo e brincando do mesmo jeito) e, ainda, a professora Mariana entrega o aluno ou a aluna que denunciou a agressão e, portanto, ajuda o grupo a acuar a nova vítima.

Os alunos vítimas parecem desprovidos de estratégias comportamentais para enfrentarem o problema sozinhos e, ainda, convivem com os observadores – ora amigos, ora inimigos, pois riem das vítimas quando estas caem no chão, estão sem calças e em outras situações vexatórias. As estratégias a seguir foram pensadas para propor novos padrões de interação no Cantinho Amarelo, assim como novos comportamentos para todos os alunos e equipe escolar. O foco das intervenções está nas turmas fictícias A, B e C do primeiro ano do ensino fundamental, nas quais os casos de bullying estão evidentes.

Estratégias para resolução do bullying na perspectiva da análise do comportamento

Estratégia 1: Dança das Carteiras

Com o objetivo de enfraquecer a união do grupo dos cinco alunos, a equipe escolar do Cantinho Amarelo irá definir a troca dos cinco alunos de turma, de modo que os cinco não estudem mais juntos. Com o mesmo objetivo, irá reorganizar as turmas, de modo que os alunos vítimas (os alunos queixosos e acostumados a reclamar de sofrerem violência) e os observadores notáveis (os alunos que mais imitam o grupo dos cinco alunos) não sentem mais juntos. A Dança das Carteiras é uma necessidade primeira para a implementação de outras estratégias para a melhoria nas interações sociais na escola, pois, há a expectativa que, com frequência, os alunos mudem de lugar e trabalhem de forma cooperativa com o colega do lado (inclusive durante as matérias tradicionais). Com isso, se pretende fortalecer laços afetivos entre os alunos de forma ampla e enfraquecer os grupos de agressores.

As estratégias para troca de lugares devem ser lúdicas e reforçar o comportamento de interesse no colega. Por exemplo, os nomes dos alunos podem ser colocados nos seus novos lugares juntamente com instruções, as quais os levem a interagir de forma positiva (cooperativa, alegre, respeitosa) com outro aluno. Por exemplo, no novo lugar o aluno

encontra seu nome (“Fernando Silva”, por exemplo) e a instrução “Ao seu lado, seu novo amigo tem uma charada. Descubra com ele a resposta e lá estará o brinde de vocês”. A Dança das Carteiras, para ser vivenciada pelos alunos de forma prazerosa, deve envolver música, instruções e reforçamento positivo por parte da equipe docente.

Estratégia 2: Somos todos um só

A professora Mariana e as demais professoras da escola irão apresentar uma história de uma aldeia, onde todos os índios são importantes para o funcionamento da tribo e que nenhum deles é feliz se um índio está triste. A discussão da história será uma oportunidade para os alunos se conhecerem melhor ao trabalharem com o colega do lado (afinal, houve troca de carteiras) e falarem seus talentos, suas qualidades. É uma estratégia para promover o autoconhecimento dos alunos, a expressão emocional e ampliar o conhecimento individual e dos colegas do grupo.

Após a história e as apresentações, ela irá definir com os alunos quais comportamentos representam união de um grupo e quais representam a desunião. Como comportamento adequado, irá listar ouvir o colega, cooperar nas tarefas em dupla e em grupo, conversar e dar prioridade aos alunos com necessidades especiais, entre outros comportamentos socialmente aceitos no contexto escolar. Como comportamentos inadequados, estarão na lista bater, empurrar, ofender e todos os outros relacionados ao bullying. A equipe escolar elogiará todas as manifestações dos alunos voltadas para o bem-estar do grupo (afinal, “Somos todos um só”) e chamará a atenção para comportamentos inadequados de forma construtiva: “Gente, a Fernanda está triste com esta brincadeira que ela ficou de fora. Como podemos incluir a colega? Somos todos um só, se Fernanda está triste, isto é um problema da turma”.

Habilidades sociais, como a empatia, podem ser desenvolvidas nesta atividade, ou seja, a capacidade de uma pessoa conseguir se colocar no lugar do outro. Ações de solidariedade, como oferecer ajuda àquele colega em situação desfavorável, serão reforçadas e comportamentos violentos colocados em extinção. Assim, a probabilidade de as crianças expectadoras rirem diante do sofrimento do outro será diminuída.

Estratégia 3: Apelido Sem Cola

O Cantinho Amarelo pode, por exemplo, colocar em extinção o comportamento de colocar apelidos nos colegas por meio de diversas estratégias. Uma delas é espalhando cartazes pela escola, confeccionados pelos alunos, para a campanha “Apelido Sem Cola”. A proposta é que rir dos apelidos façam com que eles ganhem força e o colega fique triste e, um colega triste é problema da turma inteira (“Somos Um Só”). Diante de um apelido, a equipe escolar e os alunos expectadores devem reforçar comportamentos de elogios (valorização do colega) e colocar em extinção o ato de colocar apelidos (evitar as risadas e a repetição do apelido).

Por exemplo, se Luis chamar o Bruno de um apelido e Bruno não gostar, ele deverá levantar a mão e dizer “Apelido Sem Cola”, de modo a lembrar a regra e mostrar para todos ao redor a existência do início de uma situação de bullying. Os colegas (e o professor) devem dizer o mesmo “Luis, aqui apelido não tem vez”. E Luis, deverá ser retirado de sala e ter 5 minutos para escrever adjetivos respeitosos para Bruno. Os adjetivos serão lidos por Luis, diante da turma, e todos deverão dar um elogio a um colega, ao sortearem nomes em um saquinho. O professor deverá parabenizar Luis pela lista de elogios, assim como os demais, reforçando comportamentos de valorização dos colegas.

Estratégia 4: Intervalo Mágico

Cada turma do Cantinho Amarelo deverá montar uma comissão para cuidar do recreio. Uma boa estratégia é o sorteio e mudança constante dos membros da comissão, para todos participarem. No intervalo, as comissões irão verificar se todos os colegas estão bem e protegidos de situações de bullying. Se um colega estiver sozinho, triste, uma comissão deverá convidá-lo para conversar e brincar. Os comportamentos reforçados nesta estratégia envolvem a habilidade social de fazer amigos, de ouvir o outro e a solução de problemas em equipe. Destacamos que os alunos agressores participarão das comissões (quando sorteados), ou seja, terão a oportunidade de serem valorizados por um trabalho a favor dos colegas e não por agredirem os outros.

Nesta estratégia, é importante que haja sempre um professor monitor responsável pelas comissões, pois caso as crianças relatem problemas que não conseguem resolver, o professor, por meio de modelação, irá mostrar possibilidades de resolução de problemas de forma empática e construtiva. Por exemplo, a comissão da Turma A identificou que a Maria está triste porque sua mãe está doente. O professor pode sugerir, por exemplo, que Maria possa ligar para a mãe na hora do intervalo, com o suporte do adulto e da comissão do Intervalo Mágico.

Com todos os colegas em um Intervalo Mágico, no qual Somos um Só e o Apelido é Sem Cola, o foco está em promover um contexto no qual os alunos tenham comportamentos socialmente aceitáveis na escola reforçados e comportamentos inadequados extintos.

Estratégia 5: Eu e Você: Espelho

Esta estratégia envolve colocar para as crianças do Cantinho Amarelo que hoje eu posso rir do colega, ser o expectador, mas amanhã eu posso ser a vítima. Para alcançar

essa conclusão, os professores podem contar a história de um rato que sempre ria dos outros ratos, colocava apelidos em todos eles e ria muito, até que um dia, entrou na escola um rato novo e começou a perseguir o rato popular. O rato percebeu que, quando a brincadeira era com ele, não tinha graça nenhuma e era bullying.

Em *Eu e Você: Espelho*, os alunos podem ser convidados a listar situações nas quais eles riram do colega e outras nas quais eles ficaram tristes por rirem dele. Ou seja, como em um momento qualquer um pode ser vítima de bullying, reforçar os comportamentos dos colegas agressores e dar popularidade àqueles que podem, a qualquer momento, agredi-los também. Comportamentos voltados à empatia, à convivência pacífica entre os alunos serão reforçados nesta estratégia.

Estratégia 6: Ganhamos Juntos

Os professores do Cantinho Amarelo devem pensar em estratégias de reforçamento quando o dia de aula não tiver registro de situações de bullying de nenhuma natureza. Por exemplo, a professora Mariana poderá combinar “Hoje o Ganhamos Juntos é o seguinte: 10 minutos antes do fim da aula, os alunos poderão brincar no pula-pula”. A estratégia prevê ganhos para a turma para que ela trabalhe unida para a prevenção do bullying e resolução de problemas. No caso, a punição será banida da escola como possibilidade educativa e o reforçamento positivo enfatizado.

Por que não usar a punição para banir o bullying das escolas?

Casos levados ao contexto clínico e dados de pesquisa (Manzini, 2013) comprovam que uma das estratégias mais utilizadas pela escola para suprimir o bullying da rotina envolve a punição. Segundo Martin e Pear (2009) “evento punitivo é aquele que, quando apresentado imediatamente após um comportamento, faz com que o

comportamento se reduza em frequência” (p. 174). Na escola onde ocorreu a observação de Manzini (2013), a autora registrou que o método mais usado pela escola era a repreensão, quando a orientadora educacional utilizava fortes estímulos verbais negativos para coibir eventuais manifestações de bullying entre as crianças (e.g., “Não está certo brigar com o colega, somos amigos. Não podemos ser egoístas!”).

Martin e Pear (2009) consideram que a punição é desnecessária se há fortalecimento dos comportamentos alternativos. No caso fictício, a orientadora educacional do Cantinho Amarelo enfatizava a repreensão para fazer as crianças não cometerem bullying e o timeout como estratégias de punição. O timeout consiste na retirada das crianças do ambiente onde há reforçadores (o recreio) para outro sem os reforçadores (ficar em sala de aula) (Catania, 1999). Mas, tanto no caso real descrito por Manzini (2013) quando no caso fictício deste artigo, os métodos de punição não se mostraram eficientes: primeiro, porque não foram apresentados de forma imediata após situações de bullying e a punição perdeu seu efeito de modificar o comportamento indesejado; segundo, gerou nas crianças sentimentos aversivos ou comportamentos de fuga pela orientadora educacional (no caso da repreensão verbal em Manzini (2013), há registro das crianças abaixarem as cabeças na carteira para dormir e, no caso fictício, funcionava como reforçamento positivo, pois a expressão brava da orientadora divertia as crianças); e, no caso do timeout no Cantinho Amarelo, as crianças permaneciam brincando na sala e a punição não surtiu nenhum efeito.

A punição não deve ser utilizada nas escolas porque não sinaliza, portanto, quais comportamentos são adequados no contexto escolar e não oferece às crianças modelos do que pode ser feito em situações de violência, disputa ou tédio sem ser a apresentação de comportamentos de bullying. Em outras palavras, punir isoladamente as crianças agressoras, mesmo que imediatamente após uma manifestação de bullying, seja com

repreensões, timeout ou retirando pontos do boletim (punição negativa), não as ensina como brincar e conviver com os colegas de forma pacífica. A depender da punição, inclusive, o adulto pode ser um modelo de como punir as outras crianças.

Portanto, o ideal é que a escola repense como o comportamento de bullying se manifesta (causas) e como se mantém na escola (consequências) e promova atividades envolvendo todos os alunos de modo que o bullying perca seu efeito reforçador para os alunos agressivos e expectadores. Além disso, oferecer um contexto no qual as crianças vítimas possam se proteger de tais comportamentos, ajuda no processo de impedir que o bullying se naturalize na cultura escolar e o sofrimento se torne banalizado. As estratégias apresentadas neste artigo não envolvem a punição e são exemplos de como é mais eficaz se promover comportamentos alternativos ao comportamento problema sem eliciar dor, constrangimento ou sentimentos aversivos nas crianças. A análise do comportamento, ao repensar as estratégias de prevenção ao bullying por meio de estratégias de reforçamento é, dessa forma, coerente com a promoção da paz na escola.

Conclusão

Este trabalho, ao analisar o bullying como um comportamento social e analisá-lo diante da tríplice contingência (antecedentes, comportamento e consequências), apresentou estratégias aplicáveis ao contexto escolar. Propostas como “Os professores devem promover o diálogo” e “As crianças devem ser ensinadas a amar”, por exemplo, além de serem inespecíficas quanto aos comportamentos a serem reforçados no contexto escolar, não dão caminhos práticos do que pode ser feito. Afinal, como conversar com os alunos? A conversa promove mudanças? E o que significa cultivar o amor na escola? Como fazer isso em uma turma com trinta alunos? Coloco de castigo quem não demonstra amor?

O psicólogo analista do comportamento, assim como os profissionais da escola convencidos da utilidade prática dessa proposta, podem, por meio deste trabalho, pensar como rearranjar o ambiente escolar de modo a motivar os alunos a apresentarem comportamentos socialmente adequados e evitarem a promoção de comportamentos violentos e excludentes de bullying. Destacamos que intervenções baseadas na análise funcional aliada ao treino e ao reforçamento de comportamentos alternativos (voltados para a convivência pacífica e cooperativa na escola) são mais eficazes, segundo a literatura, que as tradicionais técnicas de punição, inclusive repreensões verbais (“Não faça bullying, seja amigo!”). O objetivo desse trabalho foi ilustrar como a escola pode ensinar comportamentos sociais novos e, de fato, prevenir e combater o bullying.

Referências Bibliográficas

- Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: Comportamento, Linguagem e Cognição*. (D. G. Souza, Trad.) Porto Alegre, RS: ArtMed.
- Fante, C. (2005) *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas, SP: Versus Editora.
- Flores, E. P. (2017). Análise do comportamento: contribuições para a psicologia escolar. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 19 (1), 115-127.
- Harris, S. & Petrie, G.F. (2006). *El acoso en la escuela: los agresores, las víctimas y los espectadores*. Barcelona: Paidós.
- IBGE (2016). *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (2016)*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.
- Manzini, R. G. P. (2013). *Bullying no contexto escolar: prevenção da violência e promoção da cultura da paz na perspectiva de adultos e crianças*. (Tese de Doutorado não publicada). Universidade de Brasília, Brasília.

- Manzini, R. G. P., & Branco, A. U. (2017). *Bullying: escola e família enfrentando a questão*. Porto Alegre, RS: Mediação.
- Martin, G. & Pear, J. (2009). Eliminando comportamento inadequado por meio da punição. Em G. Martin & J. Pear, *Modificação do comportamento: o que é e como fazer* (pp. 173 -190). São Paulo, SP: Roca.
- Moreira, M. B, Machado, V. L. S., & Todorov, J. C. (2013). Cultura e práticas culturais. Em M. B. Moreira (Org.). *Comportamento e práticas culturais* (pp. 14-22). Brasília, DF: Instituto Walden4.
- Neto, E. C. A, Rodrigues, M. E., Nogueira, E. E., & Araripe, N. B. (2012). Passo-a-passo de uma análise de contingências. Em E. E. Nogueira, E. C. A. Neto, M. E. Rodrigues, & N. B. Araripe (Orgs.). *Teoria analítico-comportamental: dos pressupostos teóricos às possibilidades de aplicação* (pp. 63- 68). Santo André, SP: Esetec.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school: what we know and what we can do*. Oxford: Blackell Publishing.
- Skinner, B.H. (1953/2003). *Ciência e comportamento humano*. (J. C. Todorov & R. Azzi, trads.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Silva, A. B. B. (2010) *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.
- Teixeira, G. (2011). *Manual antibullying para alunos, pais e professores*. Rio de Janeiro, RJ: Bestseller.